

Editorial

O Corpo Editorial da *Revista Ensaios Filosóficos* anuncia que sua mais nova edição, a de número 33, relativa ao primeiro semestre de 2026, está oficialmente lançada. Mantendo o seu compromisso com a comunidade acadêmica, e para além dela, a *Ensaios Filosóficos* apresenta aqui um compilado diverso de textos que tratam, em sua grande maioria, de questões próprias à área de Filosofia, mas também traz algumas reflexões de áreas afins ao campo filosófico e que podem ser de interesse geral.

Assim como nas suas últimas edições, a *Ensaios* tem priorizado a diversidade temática, o que, por sua vez, é uma característica essencial e inerente à Filosofia mesma, melhor dizendo, às Filosofias – de todos os tempos e de todas as tradições, devemos ressaltar. Nesse sentido, nós poderíamos afirmar que uma das razões de ser desta revista consiste, justamente, em preservar uma abertura às diferenças e incentivar perspectivas plurais. Como se fosse uma *collage* textual, isto é, a construção de um novo objeto, a partir da aproximação de diferentes fragmentos (textos) que, reagrupados, representam a irrupção da imprevista novidade.

Além dos objetivos principais que a *Ensaios* busca cumprir a cada edição inédita, como, por exemplo, disseminar novas contribuições de estudantes (de graduação e de pós-graduação), filósofos, livres pensadores, professores etc., desenvolvidas no âmbito das universidades ou das demais instituições educacionais, lembremos que um periódico acadêmico possui igualmente o papel social da divulgação de saberes para a nossa sociedade e a tarefa ético-política – implícita ao processo de seleção, organização, edição e publicização – em publicar trabalhos considerados minimamente significativos para a reflexão contemporânea.

Essa 33ª edição da *Ensaios* abre com o texto “Potência e política em Spinoza: os desafios da imanência” de Maria Beatriz Orban, que retoma o pensamento político spinozista a partir de apropriações contemporâneas. Logo na sequência, aparecem dois escritos que comentam e nos reconduzem ao pensamento de figuras proeminentes na filosofia europeia do último século: “A compreensão heideggeriana da verdade em *Ser e tempo*” de Nathan Braga Fontoura e “Foucault e Nietzsche: a genealogia como história contrametafísica” de Adriano Negrís.

Os próximos textos dessa edição possuem um denominador comum, qual seja, são todos atravessados pelo chamado “pensamento da desconstrução” de Jacques Derrida, filósofo que é, desde sempre, uma presença constante em nossas publicações: no texto “Quem é o soberano na natureza? Uma perspectiva ética entre Epicuro e Derrida”, Zalboeno Lins aproxima duas figuras distantes espaço-temporalmente, mas que refletem sobre a noção de soberania e sua importância

para o debate ético-político. Rafael Haddock-Lobo, no ensaio “‘Só o caboclo é quem sabe aonde a flecha caiu’: o acontecimento que chega em Derrida”, prossegue sua tarefa pessoal de releitura da tradição filosófica ocidental, seguindo seu pressuposto de uma “filosofia popular brasileira”. No presente texto, Haddock-Lobo mostra que, embora falemos línguas distintas, os conceitos e os problemas são universalizáveis. É nesse sentido que Derrida pode vir a falar a linguagem das matas e os espíritos, que aqui firmaram raízes, podem transpor as fronteiras geográficas e lançar suas flechas de sabedoria no outro lado do Atlântico.

Em “Os movimentos descoloniais e a desconstrução derridiana: perspectivas práticas”, Martha Bernardo instrumentaliza a desconstrução para pensar questões ético-políticas urgentes de nosso tempo. Marinazia Pinto e Pâmela Costa apresentam “As fissuras do acontecimento na escrita filosófico-literária de Clarice Lispector”, onde relacionam a noção de acontecimento, tal como é pensada por Derrida, à narrativa singular da escritora radicada no Brasil. Nesse texto, as autoras expressam que a literatura pode ser, também, uma porta de entrada viável para a reflexão filosófica, ensinamento valioso que herdamos de épocas imemoriais.

O artigo “A aposta na medicação”, de Rafael Teixeira e Gleicielly Braga, traz uma crítica à excessiva medicalização em nosso sistema nacional de saúde. Os autores Lucas Rosas e Fabio Oliveira denunciam uma certa política institucionalizada nos espaços educativos que discrimina grupos sociais anteriormente marginalizados na sociedade, no texto “Apesar da escola: sobre as experiências formativas de estudantes LGBTI+ no Noroeste Fluminense – RJ”.

A edição em questão se encerra com um artigo de René Major, intitulado “Derrida, leitor de Freud e de Lacan”, traduzido por Victor Maia. Nele, o psicanalista defende que, após Derrida, os estudos psicanalíticos não podem prescindir da desconstrução, sendo esta última mais do que necessária para a sobrevivência da psicanálise no mundo contemporâneo.

Desejamos a todos boas leituras!

O Corpo Editorial